

Teatro completo de Luís de Camões, de Vanda Anastácio. Porto: Caixotim, 2005.

Por Luiz Fernando de Moraes Barros*

A dramaturgia camoniana vem recebendo lugar de menor importância no conjunto da produção do Poeta, e já foi considerado um conjunto de textos que não oferecia mais do que “uma diversão e uma curiosidade” (PICCHIO, 1969, p. 123). Mesmo que, para algum juízo, os autos de Camões não guardem a expressividade e a vida que caracterizaram a Lírica e a Épica, o argumento ainda assim não justifica a considerável diminuição que essas peças têm sofrido ao longo dos séculos. Observadas de perto, as comédias camonianas são de importante relevância para a compreensão de sua leitura dos tempos.

Por isso é bastante questionável, ao observarmos Camões como representante de toda uma literatura, que seus autos ofereçam apenas um divertimento. São, antes de tudo, “um afluente da sua obra lírica, e esta por sua vez um rio caudaloso que vai desaguar no vasto oceano que é o seu poema épico” (REBELLO, 1980). O que justifica o fato de *Os Lusíadas* ocuparem importante espaço de investigação entre aqueles que se aproximam do Poeta e, evidentemente, recorrem aos aspectos mais salientes de sua produção.

Foi assim por muitos séculos: a Obra Épica ganhou estampa em um número significativo de edições e começou a receber tratamento crítico desde poucos anos após sua publicação até os dias de hoje e de amanhã; a Obra Lírica mereceu comentários laudatórios de seus

* Mestre e Doutorando em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Colégio de São Bento do Rio de Janeiro e da Escola SESC de Ensino Médio. E-mail: lfdemoraes@hotmail.com

contemporâneos e tem atraído contínua atenção especializada, quer pela beleza estética em que se realiza, quer pela desconcertante dialética que busca a conciliação do inconciliável, quer pelo trabalhoso estabelecimento de seu texto e mesmo de sua autoria. E a *Obra Dramática de Camões*? A triste resposta, infelizmente, só podia mesmo ser uma: as comédias camonianas desceram do paço, tomaram a praça e quase ninguém deu por elas. E assim foi por muitos séculos. Um simples levantamento de edições pode revelar uma discrepância inacreditável entre as *Obras Épica, Lírica e Dramática*.

Algumas edições do teatro de Camões, aqui e acolá, louváveis evidentemente, tentaram evitar que os autos do Poeta não caíssem na poeira do esquecimento, mas nenhuma delas foi capaz de reunir todas as comédias margeando-as por um aparato crítico tão bem organizado e indispensável como a edição publicada em 2005, pela Caixotim Edições, sob a coordenação da Professora Doutora Vanda Anastácio.

A publicação tem, de saída, um duplo mérito: é capaz de impressionar o leitor mais especializado (principalmente aquele que já tentou se aproximar do teatro de Camões e se defrontou com a escassez de edições e de bibliografia crítica); e é absolutamente convidativa àqueles que pouco ou nada sabem sobre o Poeta. Isso porque a edição de Vanda Anastácio (2005) reúne aparato crítico indispensável para uma investigação criteriosa, ao mesmo tempo em que estabelece critérios de transcrição claros que visam ao “intuito de facilitar a leitura”, optando por uma “ligeira modernização” coerente e bem realizada.

O prefácio confirma a seriedade do estudo, pois introduz as informações principais sobre o teatro de Camões – questões de métrica, rima e linguagem – bem como sobre o auto-peninsular, já que pensar a dramaturgia camonianiana sem considerar o contexto em que foi produzida e as influências às quais foi sensível é “andar em bravo mar perdido o lenho”.

Com uma clara erudição, Vanda Anastácio, ainda no prefácio, reflete sobre o esquecimento dos textos dramáticos do Poeta, apresenta sem exaustão o enredo das peças, oferece linhas de leitura para cada auto e estabelece os critérios de edição.

Realizada em apenas três autos (*Auto dos Enfatriões* e *Filodemo*¹, publicados pela primeira vez em 1587, e *El-Rei Seleuco*², em 1645), a obra dramática de Camões pode agora, com a incontornável edição de Vanda Anastácio, ser encarada como produção fundamental para a compreensão do desenrolar poético daquele que fez do engenho e da arte os pilares de seus escritos.

O critério organizador dos textos no volume foi a antiguidade do testemunho. Por isso a edição inicia com *Filodemo*, pois além da edição impressa de 1587, possuímos o testemunho do *Cancioneiro de Luís Franco Correa*³, preservado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Tendo em vista os desvios observados entre Luís Franco e a versão impressa, Vanda Anastácio decidiu oferecer, em um apêndice final, o texto integral de 1587 no lugar de um aparato crítico de variantes. Segue-se o volume com o *Auto dos Enfatriões*, cuja tensão entre o amor e identidade, e o relevo dado àquele, e não àquela, revela a superação de Camões em relação a seus modelos (Plauto e Pérez de Oliva, como já dissera a Vanda Anastácio [1991] noutra lugar) e finaliza com *El-Rei Seleuco*, publicado apenas em 1645.

O apêndice já referido, além de conter a versão integral da segunda edição de *Filodemo*, traz uma antologia de textos de tipo tradicional (trovas, trechos de romances e provérbios) que são mencionados nos autos, indicando-lhes a posição precisa no texto camoniano. Seguem-se um glossário bastante vasto com termos utilizados pelas personagens e uma rica bibliografia que inclui fontes, edições modernas, estudos gerais sobre o teatro de Camões, sobre cada auto isolado, além de outras obras de referência. A edição finaliza com um índice onomástico e de lugares citados, além de referências mitológicas. Acrescente-se a tudo

¹ Primeira parte dos autos e comédias portuguesas feitas por António Prestes, por Luís de Camões e outros autores portugueses, cujos nomes vão no princípio de suas obras. Agora novamente juntas e emendadas nesta primeira impressão por Afonso Lopes, moço da Capela de Sua Majestade e à sua custa. Impressas com privilégio real por Andrés Lobato, impressor de Livros. Ano 1587.

² *Rimas de Luís de Camões*. Primeira parte, agora novamente emendadas nesta última impressão. E acrescentada uma comédia nunca até agora impressa. Em Lisboa. Com todas as licenças, na oficina de Paulo Craesbeeck, Impressor, e Livreiro das três Ordens Militares, e à sua custa. Ano de 1645.

³ Cota: COD 4413. O cancionero já se encontra fac-similado por iniciativa da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*, dado o interesse do códice para os estudos camonianos.

um acabamento editorial bastante digno; tipologia, qualidade do papel e trabalho gráfico da capa, que aproveita uma belíssima imagem do Poeta.

Por tudo isso, a edição de Vanda Anastácio torna-se ponto de partida para qualquer interessado no teatro de Camões, sendo ele um simples leitor de boa literatura ou um criterioso investigador. É, sem dúvida, a melhor e mais completa edição da dramaturgia camoniana em mais de quatro séculos.

Referências

ANASTÁCIO, Vanda. Aparência e identidade no Auto dos Enfatriões de Camões. In: _____. *Estudos portugueses: homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa: Difel, 1991.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História do teatro português*. Lisboa: Portugália Editora, 1969.

REBELLO, L. Francisco. *Variações sobre o teatro de Camões*. Lisboa: Editorial Caminho, 1980.